

Maria Margarida Bernardino Catrola

**A IMPORTÂNCIA DO LATIM
NOS PROGRAMAS ESCOLARES DO ENSINO BÁSICO**

Orientadora: Professora Doutora Luísa Saavedra



UNIVERSIDADE
FERNANDO PESSOA
WWW.UFP.PT

**Porto
2017**

Maria Margarida Bernardino Catrola

**A IMPORTÂNCIA DO LATIM
NOS PROGRAMAS ESCOLARES DO ENSINO BÁSICO**

Orientadora: Professora Doutora Luísa Saavedra



**Porto
2017**

Maria Margarida Bernardino Catrola

**A IMPORTÂNCIA DO LATIM
NOS PROGRAMAS ESCOLARES DO ENSINO BÁSICO**

Trabalho de Projeto apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Administração Escolar e Administração Educacional, conferido pela Universidade Fernando Pessoa.

Orientadora: Professora Doutora Luísa Saavedra



**Porto
2017**

*“Quem não estudou as estruturas do Latim ignora
ainda do que é capaz a linguagem humana”.*

Werner Jaeger

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pelo amor incondicional e apoio na concretização dos meus sonhos.

À minha avó, pelo carinho e dedicação de uma vida.

Ao meu irmão, pelo coração do tamanho do mundo e o amigo certo de todas as ocasiões.

Aos meus padrinhos, que me acompanharam nos primeiros passos e dos quais guardo gratas memórias.

Aos meus avôs Aires e Luís, que trago no coração.

Ao pequeno João, que já raciocina como gente grande.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Doutora Luísa Saavedra, os meus sinceros agradecimentos por ter orientado o meu trabalho e pelas suas sugestões para a elaboração do mesmo.

À Prof.^a Doutora Fátima Coelho, coordenadora do mestrado em Administração Escolar e Administração Educacional, pelo incentivo dado para a concretização do estudo.

A todos os familiares, amigos e colegas que me apoiaram e incentivaram ao longo da realização deste trabalho e, que de alguma forma, também deram o seu testemunho e contributo para que o mesmo se tornasse realidade.

RESUMO

Este projeto tem como principal objetivo dar a conhecer o latim como língua moderna que é e passível de se poder relacionar com as diferentes disciplinas dos atuais *curricula* do ensino básico do sistema educativo português.

Assim, este trabalho tenta mostrar a verdadeira importância do latim, nomeadamente ao nível do conhecimento e do raciocínio; de forma a seduzir os jovens por meio de um método de ensino/aprendizagem que os leve ao estudo da própria língua, quer como língua de conhecimento, quer como língua de comunicação, para além da sua vertente humanista e a sua influência nas correntes de pensamento no mundo ocidental, o que se traduz em verdadeiras virtudes de um cidadão responsável.

Com o objetivo de experimentar uma estratégia como esta, que se quer inovadora, foi desenvolvido este trabalho que não pretende ser mais do que um documento de trabalho com a finalidade de poder vir a transformar-se em componente letiva de oferta de escola, de acordo com as orientações do Projeto Educativo da Escola em que for implementada, para além de se coadunar com as normas vigentes do que é o Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar, uma vez que ao despertar para o conhecimento do latim, em particular, vai ajudar a adquirir competências em outras áreas do saber, ou seja, possibilita estratégias de melhoria das aprendizagens e do sucesso escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Latim, Ensino, Importância, Línguas Clássicas, Conhecimento.

ABSTRACT

This project has as main objective to introduce Latin as a modern language that is and can be related to the different disciplines of the current *curricula* of the basic education of the Portuguese educational system.

So, this work tries to show the true importance of the Latin language, namely at the level of knowledge and reasoning; In order to seduce young people through a teaching / learning method that leads them to study their own language, both as a language of knowledge and as a language of communication, beyond their humanist side and their influence on the currents of thought in the Western world, letting it show the true virtues of a responsible citizen.

In order to try out a strategy like this one, which wants to be innovative, this work has been developed, which is intended to be nothing more than a working document in order to be able to become a learner component of school supply, according to the guidelines of the Educational Project of the School in which it is implemented, in addition to be aligned with the current norms of what is the National Program for the Promotion of School Success, since in awakening to the knowledge of Latin, in particular, it will help to acquire skills in other areas of knowledge, that is, enables strategies to improve learning and school success.

KEY WORDS: Latin, Teaching, Importance, Classic Languages, Knowledge.

ÍNDICE

RESUMO	08
ABSTRACT	09
ÍNDICE DE SIGLAS	12
ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS	13
INTRODUÇÃO	14
I. JUSTIFICAÇÃO DO PROJETO	16
II. CONCEÇÃO DO ESTUDO	19
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	19
1.1. A Importância do Latim	19
1.2. Metodologias de Aprendizagem do Latim	23
1.3. A Língua Latina na Formação do Cidadão	31
1.4. O Ensino do Latim em Portugal nos nossos dias.....	34
1.5. Estratégias Colaborativas mais adequadas do Latim no Ensino Básico em Portugal	41
2. FUNDAMENTOS E OBJETIVOS	46
2.1. Pertinência do Estudo	46
2.2. Objetivos do Estudo	48
3. METODOLOGIA	50
III. PROJETO	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
ANEXOS	65

ÍNDICE DE SIGLAS

ANDAEP – Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas

APEC – Associação Portuguesa de Estudos Clássicos

APLG – Associação de Professores de Latim e Grego

CM – Conselho de Ministros

CNE – Comissão Nacional de Educação

CONFAP – Confederação Nacional de Associação de Pais

DGE – Direção Geral de Educação

DGEstE – Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares

DL – Decreto-Lei

EB – Ensino Básico

MEC – Ministério da Educação e Ciência

PEE – Projeto Educativo de Escola

RAA – Região Autónoma dos Açores

RAM – Região Autónoma da Madeira

UNESCO - *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, que em português significa “Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura”.

ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Expressões latinas em áreas do saber

Tabela 1 – Planificação do Projeto para o 7.º ano de escolaridade

Tabela 2: Planificação do Projeto para o 8.º ano de escolaridade

Tabela 3: Planificação do Projeto para o 9.º ano de escolaridade

INTRODUÇÃO

A cultura e línguas clássicas (grego e latim) têm passado por diversas mudanças no nosso país e ao longo dos tempos. Estas mudanças têm sido mais prejudiciais que benéficas, no entanto, os classicistas têm resistido e continuam a dar tudo por tudo para que os portugueses não esqueçam as raízes que deram origem à língua portuguesa (Martins, 2011).

Até há algum tempo, o ensino do latim, em especial, parece que tem vindo a decrescer, devido à ignorância e desconhecimento completo da importância desta língua por parte das instâncias decisórias e o facto de se introduzir um acordo ortográfico que se esqueceu completamente desta matriz da nossa identidade e que muito nos auxilia no raciocínio e compreensão, entre outros.

Ultimamente têm soprado novos ventos e, segundo parece, o esquecimento das línguas clássicas e, muito em especial, o do latim, têm tudo para ter os dias contados. Foi preciso um pequeno “empurrão” por parte da UNESCO, que, em 2010, recomendou a todos os países com línguas de origem latina que ensinassem o latim nas escolas dos seus territórios, pois ao que é dado a perceber, os países cujas línguas não são de origem latina dão maior destaque e relevo a língua do que aqueles que a deviam tratar não como mãe, mas mais como “língua-avó”.

Assim, este trabalho mostra a verdadeira importância do latim não só para a língua portuguesa, como também para outras línguas, nomeadamente ao nível do conhecimento e do raciocínio; são mostradas, em seguida, algumas das metodologias que têm sido adotadas no mundo ocidental e que têm como a finalidade encontrar um método de ensino/aprendizagem que verdadeiramente fascine os jovens e os leve ao estudo do latim; posteriormente, é dada a conhecer a vertente humanista da língua latina e a sua influência nas correntes de pensamento no mundo ocidental, o que se traduz em verdadeiras virtudes de um cidadão responsável.

Em seguida, surge, então, o panorama geral do ensino do latim em Portugal nos nossos dias, onde podemos verificar que, na verdade, não existe falta de alunos nem de professores que não queiram lecionar esta disciplina, mas antes tramites legais que

colidem com medidas económicas, pois só assim se justifica a não aberturas de latim ou grego com número inferior a 20 alunos.

Por fim, surgem alguns modelos de projetos já postos em práticas ou em vias de o ser e que querem muito contribuir para que o ensino e estudo da cultura clássica não desapareça (Martins, 2011).

Depois de tudo isto, o Ministério de Educação e Cultura e os principais dinamizadores da cultura e línguas clássicas no nosso país juntaram-se à mesa e decidiram incrementar como “oferta de escola” a introdução à cultura e línguas clássicas para os alunos do ensino básico.

Com o objetivo de experimentar uma estratégia como esta, que se quer inovadora, foi desenvolvido este trabalho que não pretende ser mais do que um documento de trabalho com a finalidade de poder vir a transformar-se em componente letiva de oferta de escola, de acordo com as orientações do Projeto Educativo da Escola em que for implementada, para além de se coadunar com as normas vigentes do que é o Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar, uma vez que ao despertar para o conhecimento do latim, em particular, vai ajudar a adquirir competências em outras áreas do saber, ou seja, possibilita estratégias de melhoria das aprendizagens e do sucesso escolar.

I. JUSTIFICAÇÃO DO PROJETO

A ideia para este projeto nasceu da necessidade com que a maior parte dos professores da disciplina de Português se depara todos os dias no contacto direto com os seus alunos.

Desde sempre que o primeiro instinto de um aluno é perguntar insistentemente ao professor de língua materna o significado deste ou daquele vocábulo. Desta forma, o que começa como um teste dos alunos ao professor nos primeiros contactos facilmente passa a algo de rotineiro a que muitos professores acabam na maioria das vezes por ceder. Perante esta situação, o aluno fica agradado, pois não vê necessidade de qualquer esforço ao nível do raciocínio e sempre que precisa o seu professor esclarece e sem qualquer esforço adicional, tanto a nível físico como mental.

Assim, o professor sem se aperceber está a contribuir para a preguiça mental do aluno, ao mesmo tempo que este toma como adquirido que tirar este tipo de dúvida compete ao professor e não a si próprio.

Quando, posteriormente, o professor tenta passar para a etapa seguinte, ou seja, a de inculcar nos seus alunos a preparação das atividades antes da aula (os denominados trabalhos de casa) e, para tal, é pedida uma pesquisa do vocabulário, então aí o aluno tem argumentos para a situação: “o professor é que sabe a palavra”; “não aprendi isso”; entre outras mil desculpas, mas que, na verdade, refletem a verdade da situação.

Então, o professor passa a seguir o caminho aparentemente mais fácil e, assim, quando o aluno não sabe qualquer significado, ele pode responder-lhe que consulte o dicionário.

Acontece que por mais vezes que efetivamente o faça, essa pessoa irá tornar o dicionário no seu principal aliado na “preguiça mental”, pois sempre que não sabe algo vai efetivamente fazer a tal pesquisa, mas nunca vai pensar sobre o assunto.

De acordo com Quednau (2011),

“O estudante não deve acostumar-se a recorrer ao dicionário a cada instante, mas somente depois de esgotados todos os recursos de procurar o sentido do vocábulo através de regras de formação de palavras ou do próprio contexto”. (p. 327)

Efetivamente, é mais educativo e intelectualmente evoluído, se, em caso de dúvida, fizer associação de ideias, ou seja, relacionando a palavra latina com a portuguesa ou vice-versa.

De facto, se o professor, desde o início, começar por, em primeiro lugar, escrever a palavra (no quadro da sala) e, posteriormente, explicar a formação de cada um dos elementos que constitui a palavra, o aluno pode, numa primeira fase, estranhar, mas a determinado momento vai perceber e, a partir daí, começar por estabelecer relações de palavras sempre que surjam os mesmos étimos.

Acaba por acontecer, a determinado momento, que é o próprio aluno a questionar o professor, não a querer saber o significado, mas a esclarecer a dúvida sobre se determinado vocábulo não terá um determinado sentido ou sinónimo.

O professor pode ainda, em determinados contextos, estranhar que não haja alunos a ter dúvidas sobre vocabulário menos frequente e preparar-se para explicar (e não dar o significado) aí surge a satisfação pelo resultado do sucesso desta prática, pois, a maioria dos alunos é capaz de chegar ao sentido correto, porque foi capaz de relacionar os diversos étimos que constituem a (s) palavras (s), usando apenas o raciocínio lógico.

À medida que o aluno vai treinando o seu raciocínio vai, ao mesmo tempo, desenvolvendo a capacidade não só de interpretar os textos da aula de língua materna, como também de outras áreas do saber, como em disciplinas, como História, Geografia, Matemática, Física, Química e até mesmo em línguas como o Inglês, Francês e, sobretudo, o Alemão. E assim sem estudar verdadeiramente outra disciplina, está, na verdade, a aprender a escrever e falar em latim.

A mesma atividade pode e deve ser aplicada para as dúvidas em como se escreve esta ou aquela palavras, se se escreve com – s– ou – c –, -ss- ou –ç–, -s- ou –z–, entre outras.

Na opinião de Quevedo (2015), é indiscutível afirmar que o ensino do latim é fundamental para uma melhor compreensão do português e promove um conhecimento muito mais aprofundado de outras línguas, como as de origem latina, entre outras. A mesma autora reafirma ainda que “compreender como funciona uma língua é útil para o conhecimento dessa língua, de outras línguas, e dá prazer” (p. 1).

Esta teoria é, aliás, também defendida por Villas Boas (2002), ao afirmar que o professor não ensina o que quer, nem como quer e a quem quer, mas antes o compromisso de garantia de que o aluno efetivamente aprende o que ele próprio necessita de aprender, de forma a veicular essa aprendizagem num futuro próximo.

Ora, um professor de português só consegue garantir esse compromisso, se efetivamente conseguir levar a que o seu aluno consiga compreender os diferentes conteúdos recorrendo sempre e em primeiro lugar ao seu próprio raciocínio.

II. CONCEÇÃO DO ESTUDO

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. A Importância do Latim

O Latim (ou *lingua latina*) tem origem na região do Lácio (*Latium*), onde mais tarde foi fundada a cidade de Roma e foi a língua falada pelo povo romano. Roma foi fundada no ano 753 a. C. e tornou-se sucessivamente a capital do reino de Roma, República Romana e mais tarde Império Romano, segundo Rodrigues e Moraes, (2010).

Como tal, à medida que o Império Romano ia expandindo o seu território, a língua latina ia crescendo em número de falantes, pois passou também a ser “escolhida” pelos povos conquistados, daí o facto de o Latim se ter difundido por grande parte do território da Europa, tendo, no entanto, sofrido diversas transformações, o que deu origem a novas línguas com base precisamente no próprio Latim.

Ao difundir-se pela Europa Ocidental e após a conversão do Império Romano ao Cristianismo, o Latim tornou-se, então, na língua oficial da Igreja Católica Romana. Com a profusão do Cristianismo, tornou-se mesmo na língua de cultura, pois era usada por académicos e filósofos europeus em plena Idade Média.

O chamado alfabeto latino deriva dos alfabetos grego e etrusco e continua, nos nossos dias, a ser o alfabeto mais usado em todo o mundo.

Apesar de ser hoje em dia, considerada uma “língua morta”, uma vez que não existem falantes nativos vivos (de acordo com a nova orientação do Acordo Ortográfico de 1990), o Latim é o verdadeiro pai das chamadas línguas românicas (ou novilatinas), mais precisamente o Português, Castelhana (e não Espanhol), Francês, Italiano, e ainda as línguas menos prováveis como o Catalão e o Romeno. O Latim, no entanto, é também bastante influente em línguas modernas, como é o caso da língua inglesa, em que grande parte do vocabulário tem origem latina.

Então, por que razão é importante o estudo do Latim? Várias são as opiniões de estudiosos, quer em Portugal, quer mesmo no Brasil, mas todas concordam que é fundamental para a língua portuguesa.

Assim, de acordo com a opinião de Martins (2011), o estudo do latim e das culturas clássicas, em geral, não é um bem precioso apenas ao alcance de alguns, mas antes a língua mãe que nos deu a identidade.

O latim é a língua do conhecimento e essencial para a transmissão do conhecimento, não só de quem somos, das nossas origens, da nossa cultura e sentido dos nossos costumes, como também essencial para um correto conhecimento da língua portuguesa e até de outras que não têm origem no latim, mas com vocábulos de raiz latina, como o inglês ou o alemão, por exemplo.

O estudo do latim tem o dom de conseguir desenvolver as capacidades de análise e raciocínio, para além de nos ensinar a escrever melhor, pois enriquece o vocabulário e ajuda na compreensão textual na língua materna e até nas línguas estrangeiras, como, as já referidas línguas germânicas.

Aliás, na Alemanha, depois de alguns anos na diminuição do estudo desta língua clássica, foi reconhecida a importância do estudo do latim para a formação do jovem e para o seu desenvolvimento intelectual.

Por seu lado, Viaro (1999) defende que o Latim serve-nos de trampolim para mergulhos mais profundos na nossa visão de mundo, no nosso modo de pensar, na nossa vida. Aquele que entende bem a mensagem que o latim passa em seus textos se questionará melhor e verá que antes de nossos valores, havia outros, muito distintos, mas perfeitamente coerentes, que merecem nossa admiração e respeito.

O mesmo estudioso reforça ainda mais a sua posição:

(...) aprender ou não o latim não é a questão. Ele já convive connosco, pois é a alma de nossa língua e bastaria reconhecê-la. Com o latim, vemos que as irregularidades e as temíveis exceções das gramáticas não são nem irregulares, tão pouco exceções. Tudo passa a ter uma lógica mais clara e previsível. Se já conhecemos bastante latim, por que não saber mais? Ampliando ou aprimorando nosso vocabulário, não nos destacamos? (pp. 2-3)

O que acontece é que, efetivamente, falamos (muito) mais latim do que pensamos, pois são muitas as expressões com que nos deparamos diariamente e em diversas áreas do saber, como são exemplos as que se seguem no **quadro I**, a título de curiosidade retiradas quer de documentos oficiais quer referidas por alguns estudiosos, como Viaro (1999):

Quadro 1 – Expressões latinas em áreas do saber

ÁREAS	Expressões Latinas
Direito	<i>Alibi</i> ; (Doutor) <i>Honoris causa</i> ; <i>Habeas corpus</i> ; <i>in dubio pro reo</i>
Medicina	fecundação <i>in vitro</i>
Informática	Delete; <i>fac simile</i> (fax)
Escrita	<i>Et caetera (etc.)</i> ; <i>Post-scriptum</i> (P.S. no fim de uma carta)
Expressões diversas	<i>a priori</i> ; <i>alter ego</i> ; <i>carpe diem</i> ; <i>curriculum vitae</i> ; <i>ex libris</i> ; <i>homo sapiens</i> ; <i>in loco</i> ; <i>ipsis verbis</i> ; <i>lapsus linguae</i> ; <i>modus vivendi</i> ; <i>mutatis mutandis</i> ; <i>pari passu</i> ; <i>per capita</i> ; <i>persona non grata</i> ; <i>ad hoc</i> ; <i>sine qua non</i> ; <i>sic</i> ; <i>status quo</i> ; <i>sui generis</i> ; <i>vade retro</i> , ...
Lemas	<i>Ad lucem</i> (Universidade de Lisboa); <i>Citius, Altius, Fortius</i> (Jogos Olímpicos); <i>Decus et tutamen</i> (libra inglesa); <i>E pluribus unum</i> (Estados Unidos e S.L. Benfica); <i>Ex mero motu</i> (Força Aérea Portuguesa); <i>Lux et veritas</i> (Universidade Yale); <i>Nova et nove</i> (Universidade Fernando Pessoa); <i>Senatus Populusque Romanus</i> (Império Romano); <i>Unus pro omnibus, omnes pro uno</i> (Suiça); <i>Veni, vidi, vici</i> (César no senado).
Marcas comerciais	<i>Acer</i> ; <i>ASICS</i> (<i>Alma Sana In Corpore Sano</i>); <i>Audi</i> ; <i>Fiat</i> ; <i>Lego</i> ; <i>Lux</i> ; <i>Nivea</i> ; <i>Novartis</i> ; <i>Volvo</i> .
Provérbios	<i>alea jacta est</i> ; <i>cogito ergo sum</i> .
Inglês	<i>animal</i> ; <i>exit</i> ; <i>flower</i> ; <i>river</i>

Segundo Bauer *et al.* (2009), o latim potencia a mente para pensar de modo organizado, pois é a língua mais metódica com que nos podemos deparar, ou seja, é a própria língua latina que nos leva a exercitar mentalmente.

Ou como defende Furlan (2006), "Latim é importante para disciplinar a mente, e adquirir cultura humanística, é conhecer e valorizar [a] nossa língua portuguesa" (p.42).

1.2. Metodologias de Aprendizagem do Latim

O primeiro estudo da língua latina coincide com a expansão do Império Romano pelas diferentes regiões da Europa Ocidental. Assim, os povos conquistados sentiram necessidade de aprender a língua do povo colonizador e, para tal, o primeiro passo foi precisamente a aprendizagem da língua latina.

No entanto, os próprios romanos também sentiram a necessidade de aprender um outro idioma para além do seu. Assim, inicia-se, a partir do século III a. C., a aprendizagem da língua grega como segunda língua (ou língua estrangeira), devido ao grande prestígio e impacto da civilização grega naquela época.

Muito mais tarde, por volta do século IX, em França, segundo Germain (1993), o Latim é ensinado como língua estrangeira, por ser a “língua culta, em relação à língua francesa”.

Até ao início do século XX, o método de ensino pouco se alterou em países como a Alemanha, Inglaterra ou França.

Desta forma, o ensino do Latim – e do Grego – era feito segundo a metodologia tradicional, ou seja, a “gramática-tradução”, também considerada a metodologia mais antiga e a mais apropriada para o ensino das línguas clássicas (Latim e Grego). Esta metodologia tinha como objetivos a transmissão do conhecimento sobre a língua, ao mesmo tempo que permitia o acesso a textos literários originais e ao estudo da gramática. Eram feitas traduções dos textos literários em estudo, tendo como base a compreensão da língua em estudo. Para este tipo de metodologia, era imprescindível o uso e manuseamento correto de dois instrumentos de trabalho: o dicionário e a gramática (Germain, 1993).

No que diz respeito às teorias de aprendizagem da língua latina nos últimos anos, nomeadamente em países onde a língua materna é o português, ou seja, em Portugal e no Brasil, as dificuldades foram aumentando, pois verifica-se, que os diferentes governantes responsáveis pela Educação e pela Cultura nos dois países não têm dado grande importância ao estudo do Latim nos seus estabelecimentos de ensino.

O que acontece é que, felizmente, subsistem ainda alguns resistentes – profissionais com muito trabalho realizado – em relação ao ensino e à aprendizagem desta língua clássica que veem a necessidade de se investir muito e cada vez mais, por isso, estes “heróis das Línguas Clássicas” ocupam grande parte do seu tempo, muitas vezes os momentos que seriam destinados ao lazer e junto dos seus entes queridos, para realizar tarefas por amor e dedicação e também porque levam a sério as sábias palavras da Bíblia: “Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de colher o que se plantou;” (Eclesiastes 3:2-2).

Assim, Polastri (2008), em colaboração com outros especialistas, delineou um documento trabalho intitulado “*Elaboração de Material Didático para o Ensino do Latim*”, com vista a um melhor ensino do Latim em território brasileiro, impulsionados precisamente por alunos que queriam estudar a língua latina e percebiam que não iam ter muitas hipóteses. Este trabalho quis, em primeira instância, dar especial importância no desenvolvimento de um “método atualizado para o aprendizado desta língua, considerando abordagens atuais de ensino” (...) “pertinentes ao estudo de uma língua antiga” (p. 1). Para a concretização desta proposta de projeto para o ensino do latim, foram delineados os seguintes objetivos: textos originais, gramática e literatura latina “com base em autores modernos, sem, no entanto, desprezar o importante legado dos próprios autores da antiguidade” (p. 1).

Depois de traçados os objetivos, este grupo analisou e comparou pormenorizadamente diversos métodos de ensino do latim, desde os anos 50 e 60 do século XX até aos dias de hoje e não só no próprio país e nos Estados Unidos como também na Europa, mais concretamente alguns métodos portugueses, ingleses e alemães, entre outros.

E foi precisamente a partir dos métodos ingleses *Reading Latin* (1986) e *Oxford Latin Course* (1997) que os impulsionadores deste projeto se basearam para construir o novo método de estudo do Latim, que denominaram de forma provisória *De Romanorum Litteris*.

Segundo os autores, este novo método de Latim, apesar de se ter baseado em outros já existentes, distingue-se dos demais pela apresentação “do texto latino sem

adaptações, de modo a estabelecer logo de início o contacto do aluno com o texto do autor tratado” (Polastri (2008, p. 5), para além de recuperar os aspetos considerados positivos dos diferentes métodos. Este método contempla ainda, no que se refere à parte visual, uma apresentação gráfica agradável à vista, uma vez que os métodos mais antigos continham apenas imagens a preto e branco; umas “caixas” com o objetivo do enriquecimento do conteúdo com informações extra a propósito do tema ou do tópico estudado.

Perante este método, os responsáveis afirmam que o ensino da língua latina tem “atraído cada vez mais ” não só os estudantes das áreas das letras, mas também todos aqueles que se interessam pela leitura de livros em latim (como, por exemplo, Harry Potter), e até os interessados em jogos eletrónicos e mesmo algumas letras de músicas conhecidas.

Por seu lado, Quednau (2011), procurou, em primeiro lugar, propostas sobre o ensino do latim em debates e colóquios com outros professores de outras instituições e até mesmo junto dos alunos, com os quais discutiu a importância dos seus interesses relativamente à língua latina e o modo como estes fazem a relação do que é aprendido nas aulas da língua com as aulas das outras disciplinas.

Passada esta fase, a autora em colaboração com outros professores, fez um levantamento de diversos métodos de ensino, que foram, depois, devidamente analisados. Feito este trabalho de laboratório, os professores envolvidos foram “conquistados” pelo método *Lingua Latina per se illustrata* (LLPSI), da autoria de Orberg (2003).

Este método LLPSI é constituído por vários recursos e “apresenta uma proposta diferenciada, seguida em vários lugares do mundo” (Quednau, 2011, p. 322), nomeadamente em diversos países como Espanha, Itália, México e, evidentemente, o Brasil.

É composto basicamente por dois livros, sendo o volume I (*Familia Romana*) para o curso elementar e o volume II (*Roma aeterna*) para o curso avançado. Em cada capítulo surge um texto acompanhado por ilustrações e anotações sobre o vocabulário e

estrutura gramatical nas margens laterais. Acrescenta-se que todas as explicações e até notas de rodapé se encontram escritas em língua latina.

No Brasil, este método começou efetivamente a ser testado em 2009, numa fase de experimentação em turmas de Latim de nível mais elementar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no entanto as turmas de nível mais avançado aceitaram colaborar no projeto, pelo que ficaram de tal forma entusiasmadas que “os alunos solicitaram a criação de cursos de extensão, para continuar o estudo do latim através de LLPSI” (Quednau, 2011, p. 323). O pedido dos alunos foi satisfeito e no ano seguinte abriram mais duas turmas, de acordo com este método inovador.

Este método inicia-se normalmente pela exploração de duas formas de trabalho com textos em latim: na primeira, o aluno aprende as regras gramaticais e depois aplica-as na tradução de textos; na segunda, a partir do contacto com o texto, o aluno procura o vocabulário e as formas de sintaxe fazendo depois a recolha das pesquisas efetuadas. O ponto menos positivo é o facto de haver poucas oportunidades para o aluno praticar a oralidade, uma vez que o estudo se baseia essencialmente na leitura e tradução de textos de latim para a língua materna, ou de português para latim (retroversão).

Assim, segundo Orberg (2007),

quem aprende sua língua materna ou um segundo idioma (...) não necessita de tradução ou explicações sobre regras gramaticais. O sentido das palavras e das frases e ainda o funcionamento das formas e estruturas gramaticais devem ser extraídos diretamente da prática linguística (*cit. in* Quednau, 2011).

O autor deste método acrescenta ainda que o LLPSI consegue atingir o objetivo de seguir a prática do método natural de aprendizagem de uma língua, uma vez que os manuais foram elaborados de acordo com este método e consegue igualmente seguir por uma via alternativa que reside no facto de apresentar ao aluno frases que sejam compreensíveis *per se*, isto é, compreensíveis por si mesmas, e a pouco e pouco, consoante o desenvolvimento da aprendizagem, lhe serão introduzidos novos vocábulos e estruturas gramaticais.

E como é que o LLPSI consegue ter tanto êxito junto dos alunos e deixar os professores com a sensação de “dever cumprido”?

(...) através da observação de uma grande quantidade de exemplos práticos que formam parte de um texto contínuo, o estudante reconhece automaticamente o significado das palavras e das orações e, enquanto se familiariza com a estrutura e os mecanismos vivos da língua, consegue deduzir as regras gramaticais. É o que se chama indução contextualizada (...) (Orberg, 2007 *cit. in*, Quednau, 2011, p. 330)

Como o método LLPSI é (sempre) escrito em latim, leva o aluno a raciocinar naturalmente na língua latina ao mesmo tempo que fica a conhecer o quotidiano dos romanos (em textos originais) e, desta forma, “chega à leitura fluente de textos originais latinos” (Quednau, 2011, p. 330).

Desta forma, os responsáveis pelo ensino do Latim, segundo o método LLPSI, declaram que até agora “os alunos estão satisfeitos com o novo método e se mostram mais interessados nos estudos” (Quednau, p. 332). Verifica-se ainda um crescente número de alunos interessados em estudar Latim, de acordo com o LLPSI.

Assim,

É extremamente gratificante ouvir dos alunos frases do tipo: “*É latim, e eu tô entendendo!*”, “*Magistra, nós estamos nos sentindo em Roma!*” e também vê-los vivenciando as narrativas dos textos (...) Vencida a timidez inicial, percebemos que os alunos descobrem o latim como língua expressiva, usada historicamente, ligada ao cotidiano, aos sonhos e às necessidades de pessoas reais; enfim, uma língua que vive ainda (...) (Quednau, 2011, p. 332)

Os métodos de ensino da língua latina não são de uso exclusivo do ensino superior, pois ainda no Brasil surge um novo método de ensino direcionado para o ensino das línguas clássicas na educação básica e muito concretamente numa escola pública.

Assim, com o objetivo de contrariar a teoria de que as línguas clássicas são sinónimo de “línguas mortas”, a professora Paula Correa, de acordo com Módolo *et al.* (2013), implementou um método denominado *Minimus*, na Escola municipal Desembargador Amorim Lima, em São Paulo. Com este método pretende-se a leção de grego, latim e cultura clássica a alunos dos 4.º, 6.º e 7.º anos do ensino fundamental (básico).

A ideia inicial era enquadrar este projeto como um curso extracurricular, o que não suscitou grande adesão por parte dos alunos; no entanto, graças ao “audacioso projeto pedagógico da escola” e porque o *Minimus* demonstrou ser uma “proposta de curso coesa e bem fundamentada”, o projeto foi inserido nos *curricula* dos alunos destes anos escolares.

O *Minimus* foi inspirado principalmente no método da escola da Ponte (na região do Porto, em Portugal), uma vez que se baseia em “roteiros de pesquisa, incentivando a autonomia dos alunos” (Módolo et al., 2013, p. 1); e também com base nos métodos *Athenaze* e *Minimus* (mas sem se limitar a eles), ambos de origem norte americana, “sobre efeitos de ensino-aprendizagem de latim e grego”, o que permite aos alunos desenvolver “maior consciência sobre mecanismos da língua materna, mais facilidade em lidar com línguas estrangeiras e maior competência” ao nível do raciocínio lógico e crítico.

Na verdade, o *Minimus* é inicialmente orientado pela sua autora que, por sua vez e sob sua supervisão, delega num grupo restrito de alunos universitários a responsabilidade pela elaboração dos materiais didáticos adequados aos alunos do ensino básico. Estes monitores têm ainda as funções de preparar as aulas com os materiais previamente elaborados, para que depois possam pô-los em prática nas aulas por eles lecionadas na mesma escola. Existem ainda alguns monitores com a função específica de auxiliar os alunos com maiores dificuldades em desenvolver competências comunicativas em português.

Segundo Paula Correa, a autora deste projeto (*cit. in* Módolo et al., 2013, p. 2), as escolas norte americanas “nas quais se realizou semelhante experiência” (...) “melhoraram o desempenho dos alunos na língua materna, em línguas estrangeiras e atividades” relacionadas com o raciocínio lógico.

Neste caso, a escola resolveu avaliar o projeto mediado por um grupo-controle, em que as aulas das línguas clássicas oferecidas a um grupo de alunos e negadas a outro. Assim, ao estabelecer-se a comparação entre estes dois grupos, pôde verificar-se, no primeiro ano de implementação (Módolo et al., 2013, p. 2), “um incremento na

formação dos que tiveram acesso ao projeto”. O projeto prevê ter “pernas para andar” nos anos letivos seguintes.

Em relação a Portugal o método de ensino do latim privilegiado parece ser o denominado ensino tradicional (este assunto será tratado mais à frente, no ponto 1.4.), no entanto são conhecidos, alguns casos particulares.

Assim, na cidade de Lisboa, as escolas Pedro Nunes e Passos Manuel oferecem cursos livres de Latim, ambos ministrados por uma única docente em regime de voluntariado. Esta mesma docente teve a ideia de criar um curso livre na escola Pedro Nunes, aquando do seu estágio profissional, uma vez que não havia qualquer turma que tivesse optado pela língua latina (*cit. in Santo, 2015*). Neste âmbito, nesse mesmo ano letivo resolveu organizar uma semana do latim, na qual os alunos tiveram a oportunidade de apresentar as suas ideias e razões para se estudar latim. Terminado o estágio, a docente continuou a ministrar o curso livre. No ano seguinte, fez a proposta de um curso semelhante à escola Passos Manuel e o mesmo foi aceite, pelo que nesse mesmo ano se iniciaram três turmas.

No ano letivo 2014/2015, esta docente viu-se na necessidade de juntar as turmas das duas escolas numa única aula semanal e a mesma afirma que os alunos “são maioritariamente de ciências e alguns já estão na universidade mas continuam a frequentar o curso” (*cit. in Santo, 2015*). Presentemente a mesma docente encontra-se a lecionar numa instituição particular, a *St. Peter’s School*, em Palmela, onde a disciplina de latim foi recentemente tornada obrigatória para os 5.º e 6.º anos do 2º ciclo e também ao 7.º ano do ensino básico.

O facto é que esta docente segue o método do *Cambridge Latin Course*, para além de ser simultaneamente professora e aluna do *Classical School Project*, no qual os professores recebem formação e têm a possibilidade de partilhar materiais. Os alunos que frequentam estes cursos com sucesso podem obter certificação oficial de *Cambridge*.

Mas por que razão há alunos interessados em aprender latim? Muitos países estão a introduzir o latim nos currícula e há também uma reinvenção dos métodos utilizados – o latim é visto como uma língua que se pode falar. É uma combinação de

língua e cultura, em que a gramática funciona em função do texto, e não o contrário (Santo, 2015).

Subindo no mapa do país, podemos encontrar na Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, na cidade do Porto, o projeto *Pari Passu*, uma experiência de ensino de latim exclusivamente direcionada para aos alunos do 2.º ciclo do ensino básico. Este projeto “nasceu da possibilidade legal de introduzir áreas diferentes no segundo ciclo” (*cit. in* Santo, 2015). a responsável pelo projeto, a docente Alexandra Azevedo (*cit. in* Santo, 2015) explica que

[o *Pari Passu*] foi um sucesso na nossa escola. Tivemos 12 turmas com mais de 20 alunos cada. Eram apenas 45 minutos semanais mas foi o suficiente para colocar a cultura clássica entre as disciplinas favoritas (p. 4).

Acrescente-se ainda que a língua latina não só suscita o interesse dos mais jovens em idade escolar, como também os chamados *seniores*, uma vez que a docente que leciona latim em cursos livres direcionados para estudantes também ministra aulas desta língua na Universidade Sénior de Azeitão, onde, segundo diz, “tem alunos muito empenhados, e alguns já avançados”.

Perante todos estes métodos e todo o empenho quer de alunos, quer de professores, podemos atestar a grande importância que as línguas clássicas têm em geral e a língua latina em particular (Santo, 2015, p.5):

(...) as línguas clássicas têm um lugar que não pode deixar de ser considerado. O seu papel formativo, a matriz civilizacional e cultural que carregam e a sua presença no mundo contemporâneo justificam o seu estudo e a sua perenidade (p. 5).

1.3. A Língua Latina na Formação do Cidadão

De acordo com Pereira (2014), o conhecimento das línguas clássicas em geral e, do latim, em particular, é fundamental para a compreensão e formação do ser enquanto indivíduo e cidadão do mundo:

O latim representa mais de dois mil anos de cultura. Foi nele que o mundo ocidental produziu, até ao século XVIII, a sua ciência, filosofia, religião; a sua história é a matriz das línguas românicas, tendo significativos ecos em línguas como o inglês e o alemão. Aprender esta língua é ter acesso a uma cultura milenar que fundou, juntamente com o grego, a sociedade moderna e cujos valores transportam saberes, desde a área jurídica à educação e à medicina (p. 1).

É prova de que a língua latina é importante, e porque não dizer fundamental, para a formação do ser humano que países como Inglaterra, Alemanha ou mesmo Espanha têm atualmente o ensino do Latim nos seus *curricula*.

Estes países souberam perceber o quanto é importante o ensino e aprendizagem do latim para os seus cidadãos, ou seja, “a sua relevância na aprendizagem de matérias tão diversas que vão desde a matemática à biologia, à filosofia, à literatura e à aprendizagem de línguas”, (Pereira, 2014, p. 1) como, por exemplo, o inglês ou o alemão.

Ao nível do Ministério da Educação, começa a verificar-se um apreço pelas cultura e línguas clássicas, com a homologação e subsequente publicação, em julho de 2015, das Metas Curriculares de Latim A, para os 10.º e 11.º anos de escolaridade, pois por meio das metas de Latim “pretende-se fomentar o seu ensino, fazendo ressurgir o seu duplo valor, quer o intrínseco ao da língua latina e ao conhecimento civilizacional que lhe está agregado” quer o seu carácter prático reconhecido nas aprendizagens de outras línguas, “com destaque para a língua portuguesa” (*Metas Latim*, p. 1).

As mesmas autoras acrescentam ainda:

O conhecimento da Língua Latina dota os interessados de uma chave de acesso a um património cultural que valorizará a actividade profissional de investigadores das várias áreas das ciências sociais e humanas como História, Filosofia, Línguas e Literaturas, Direito, Música, etc... bem como de juristas, professores de várias áreas e graus de ensino, técnicos de museus, arquivos e bibliotecas, guias turísticos, eclesiásticos e religiosos (as).

Ao fazer o enquadramento da nova oferta de escola, a partir do ano letivo 2015/2016, para alunos do ensino básico, pode verificar-se a argumentação para criação desta iniciativa (que será aprofundada em 1.4.):

Uma introdução à cultura clássica e às línguas latina e grega encontra relevância (...) não só pelo “valor em si” da herança civilizacional que veicula mas, também, pelo “valor instrumental” que se lhe reconhece na aprendizagem das línguas (materna e estrangeiras), da literatura, da história, da filosofia, das ciências... Faculta igualmente um substrato cultural que permite compreender o mundo, os acontecimentos, os sentimentos, contribuindo para a formação cívica, para a *humanitas* (MEC, 2015).

O MEC reconhece ainda “a relevância da cultura e das línguas clássicas na formação das crianças e jovens”, motivo que as escolas deverão ter em consideração no momento da opção por esta oferta de escola em detrimento de outras menos motivantes para os alunos, como, por exemplo, o tratamento de burocracia relacionada com a direção de turma (como já foi referido).

Assim, as finalidades apresentadas pelo MEC (2015) para a introdução da cultura e línguas clássicas no ensino básico vão ao encontro da tentativa de incutir desde cedo nos alunos valores de âmbito cultural e humanista, para que estes possam vir a ser uns responsáveis cidadãos no futuro, de onde se destaca precisamente o “reconhecer a importância da cultura clássica e das línguas latina e grega na formação do pensamento ocidental e, de modo particular, na compreensão da contemporaneidade” e “envolver-se na expressão” (...) de conhecimentos relativos à cultura e às línguas clássicas”, de forma a que os alunos possam disfrutar da “cultura greco-romana e as línguas clássicas e atribuir valor aos conhecimentos que vão sendo objeto de aprendizagem”.

De acordo com Martins (*cit. in* Damião, 2015), o latim não só pode constituir uma mais-valia para o aluno encontrar emprego no futuro, como “dá competências linguísticas, culturais e humanas imprescindíveis a qualquer pessoa”, pois, como o próprio pôde concluir, “Latim é sinónimo de rigor, estudo, método, saber/conhecimento, capacidade de análise e síntese do mundo, fonte de valores e ideias de vida para todos vivermos felizes” (p. 2).

Também Ferreira (2015), defende o latim como uma fonte de valores humanistas:

(...) “a leitura dos textos clássicos” (...) “permite compreender melhor a humanidade do Homem. Quem os lê tem não raras vezes a sensação nítida de se contemplar ao espelho, de ver retratadas problemáticas que lhe são familiares, e acaba por concluir que virtudes, fragilidades e erros têm vindo a ser constantes ao longo dos séculos. Desta percepção, resulta, pois, uma maior predisposição dos indivíduos para a indulgência com o outro, o que potenciará um convívio mais saudável.” (pp. 128-129)

Nos diversos meios de comunicação, é frequente encontrarmos assuntos ou comentários relacionados com a língua latina e até mesmo em alguns *fora* de discussão. Foi precisamente num destes últimos, o “Yahoo respostas,” que se encontram algumas afirmações curiosas sobre o latim, proferidas em 2007, e o que esta língua representa para o pensamento dessas mesmas pessoas que intervieram na conversação:

O latim é muito prestigiado pelos juristas. Advogados, Procuradores, Juízes costumam inserir, em seus escritos, expressões latinas com diversos objetivos. Pode ser para mostrar erudição, para impressionar o leitor, para conferir um certo charme ao documento, para demonstrar apego à tradição.

A maioria das pessoas não sabe escrever porque não aprendeu Latim (Eu aprendi!). Exemplo: Por que JEITO se escreve com J e GELO se escreve com G? Jeito deriva do Latim *Jactum* e Gelo deriva do Latim *Gelus*.

Estudar Latim é importante... Porque facilita o aprendizado de todas as línguas neolatinas e torna acessível o manuseio de livros de Ciências, Filosofia, Direito, Teologia ... escritos em Latim, quando esta era a língua da cultura ocidental.

Estudar Latim é importante... Porque desenvolve e aguça a mente, exigindo de você memorização, concentração e reflexão, condicionamentos fundamentais para seu melhor desempenho no estudo das ciências exatas.

1.4. O Ensino do Latim em Portugal nos nossos dias

O ensino do Latim em Portugal tem vindo a decrescer devido a fatores de vária ordem, ou porque, infelizmente, há professores que não querem ter o trabalho de preparar aulas e, por isso, não motivam os alunos para a sua importância, ou até professores de outras áreas que veem na escolha do latim um problema para lecionação da sua disciplina. O que ainda mantém acesa a chama é o facto de ainda subsistirem professores que de tudo fazem para que o Latim regresse às escolas portuguesas, mas têm esbarrado na legislação vigente até ao final do ano letivo anterior, que impedia a formação de turmas com um número inferior a vinte alunos, quando anteriormente o permitia com um mínimo de dez (Decreto -Lei n.º 139/2012, de 5 de julho).

Na verdade, o que acontece é uma profunda ignorância e o total desconhecimento da importância da língua latina.

Assim, no final do século XX, havia aproximadamente 13 mil alunos a realizarem o exame de 12.º ano de Latim, mas daí para cá o número tem decrescido de forma, diria, muito acentuada, de tal forma que em 2014 o número baixou para 114, mas agora no 11.º ano de escolaridade.

Para este fator terá contribuído grandemente o facto de, em 2012, o MEC ter passado de dez para vinte o número mínimo de alunos exigidos para abrir de forma automática uma disciplina de opção no Ensino Secundário.

Mas será possível que ninguém queira aprender latim ou as pessoas se tenham desinteressado pelo mundo antigo e pelas histórias que percorrem?

Felizmente, no nosso país ainda existem alguns locais onde é possível um professor lecionar e um aluno poder aprender latim.

Desta forma, e começando por Lisboa, é possível aprender latim no conhecido “Liceu Camões”, onde existiam, em 2015, dois professores habilitados a lecionar o ensino da língua. Um deles, Mário Martins, docente de latim (e grego) há mais de 20 anos, defende mesmo que o ensino das línguas clássicas deveria ser carácter obrigatório (*cit. in* Damião, 2015): (...) “defendo que o estudo das línguas e culturas clássicas

deveria ser obrigatório no ensino obrigatório, no 9.º ou no 12.º anos. Para todos, sem exceção.” (p. 2)

O mesmo docente afirma que a escola “Liceu Camões” tem presentemente uma turma de latim em cada um dos anos do ensino secundário, num total de 24 alunos, sendo 12 no 10.º, 9 no 11.º e 3 no 12.º. Anos. Em relação ao pessoal docente, a escola conta também, para além dos dois docentes do quadro da escola, com seis estagiários na área de Português e Latim e seis mestrandas das Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa. Para este docente, os docentes que agora se aventuram pelos caminhos do ensino do latim garantem “uma mais-valia” para o seu futuro profissional, pois demonstram o seu apreço pela curiosidade e conhecimento.

Na *invicta* cidade do Porto, à semelhança de Lisboa, também existe apenas uma escola com a oferta de latim, a Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, há cerca de 22 anos, sob a mestria de dois docentes que aí entraram como alunos e presentemente já fazem parte do quadro da escola. Segundo uma dos docentes, Alexandra Azevedo (*cit. in Santo, 2015, p. 2*), “Este ano temos uma turma de 15 alunos no 10.º ano”, apesar de em anos anteriores a escola sempre ter lecionado a disciplina, mas com oscilações entre o número de alunos, de tal forma que o latim é como uma tradição desta escola: “Os frutos da tradição das línguas clássicas nesta escola são (...) bem visíveis: Foram vários os alunos (...) premiados em concursos internacionais”. Destes destacam-se o escritor Afonso Reis Cabral, vencedor do prémio Leya 2014, que se classificou, em 2008, entre os vinte primeiros numa competição de grego antigo, promovida pelo ministério grego da cultura; no ano seguinte, uma outra aluna repetiu a façanha. Por sua vez, no ano 2011, António Gil Cucu venceu o *Certamen Horatianum*, na terra natal de Horácio, em Itália, para o qual realizou uma prova de tradução de latim.

Ainda nesta escola funcionou até 2014 o Projeto *Pari Passu*, promovido pelo MEC, e que tem como destinatários os alunos dos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico e incide na introdução ao Latim e à Cultura Clássica.

Este projeto revelou-se um sucesso, de tal forma que era uma das disciplinas favoritas dos alunos, no entanto, a escola deixou de o facultar devido ao facto de os

diretores de turma reclamarem para si esse segmento de 45 minutos, em virtude de haver a necessidade de tratar de assuntos relativos à direção de turma.

No sul do país, há conhecimento de apenas (também) uma escola, a Secundária Manuel Teixeira Gomes, em Portimão, que se tem dedicado ao ensino das línguas clássicas, uma vez que o único docente, Luís Salema, por motivos profissionais, leciona presentemente apenas uma turma de grego constituída por 30 alunos. O mesmo chega a afirmar que “Uma turma de grego desta dimensão é hoje uma raridade, e os colegas são unânimes em reconhecer a excecional capacidade de motivação do professor” (*cit. in* Santo, 2015, p. 2). Aliás, o ano letivo 2014/2015 foi o primeiro em que a disciplina de latim não conseguiu abrir, apesar de contar com 12 alunos inscritos, contudo o mesmo professor dá explicações de latim na biblioteca da escola a um aluno que lhe pediu, em virtude desta falta de oferta educativa.

No que diz respeito às Ilhas, presentemente não se verifica o ensino do latim em qualquer escola da Região Autónoma da Madeira, enquanto na Região Autónoma dos Açores, há apenas conhecimento de um professor a lecionar latim, na Escola Básica e Secundária da Povoação, na Ilha de São Miguel.

De salientar o facto de escolas privadas, como o Colégio de São Tomás, em Lisboa, ou o Rainha Santa Isabel, em Coimbra, já terem introduzido há vários anos o latim e a cultura clássica a partir do 5.º ano de escolaridade.

No entanto, a docente Alice Costa, da escola Secundária D. Pedro V, em Lisboa, afirma que, desde 2012, que a dificuldade e a confusão aumentaram nas escolas, uma vez que, apesar do *supra* citado Decreto-Lei, há possibilidade de abrir turmas de latim com menos de vinte alunos, desde que a escola interessada peça autorização às entidades superiores; no entanto, verifica-se, na maior parte dos casos, o desconhecimento completo desta possibilidade e o facto de os próprios diretores escolares ignorarem “totalmente a importância do latim” (*cit. in* Santo, 2015, *op. cit.*).

A este respeito, o professor Luís Salema, está convicto de “que o interesse dos alunos não diminuiu, mas que as direcções das escolas são, de forma mais ou menos directa, pressionadas a gerir recursos” (*cit. in* Santo, 2015, p. 2).

Por seu lado, Mário Martins afirma que “Se há professores, é essencial começar por oferecer o maior número possível das opções previstas” (...) “mas falta coragem por parte das escolas” (*cit. in* Santo, 2015, p. 3).

Luís Salema (*cit. in* Santo, 2015, p. 5), a este propósito, sente-se como que a “remar contra a maré”, pois está disponível para lecionar as línguas clássicas e sente que há interesse por parte dos alunos, no entanto torna-se difícil ter um verdadeiro ensino de latim no nosso país. Para contrariar esta tendência, desafia mesmo “uma acção concertada que una os professores,” (...) “a Associação de Professores de Latim e Grego e as universidades, a par dos organismos do Ministério da Educação” (*cit. in* Santo, 2015) e acrescenta que:

(...) existirá sempre o brio profissional dos professores, os de latim, os de grego e os outros, e a convicção de que as línguas clássicas têm um lugar que não pode deixar de ser considerado. O seu papel formativo, a matriz civilizacional e cultural que carregam e a sua presença no mundo contemporâneo justificam o seu estudo e a sua perenidade (p. 5).

Assim, em princípios de 2015, o MEC cumpre, finalmente, a recomendação da UNESCO, em 2010, que sugere que os países com línguas de origem latina devem ensinar latim nas suas escolas.

Dando cumprimento a esta recomendação, o MEC faz saber, através do seu portal, da integração de uma componente de Cultura e Línguas Clássicas como “oferta de escola”, uma vez que este organismo dá muita importância “ao desenvolvimento cultural e linguístico dos nossos alunos”, muito em especial “o conhecimento mais profundo da língua materna e das suas raízes” (MEC).

A nova disciplina surge por iniciativa de várias entidades, como a Associação de Professores de Latim e Grego (APLG) e a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (APEC), em profícuo diálogo com o Ministério da Educação.

Desta forma, ficam desde já abertas as portas para os alunos, não só os do ensino secundário, como também a todos os dos três ciclos do ensino básico.

Assim, como ponto de partida, o MEC disponibiliza os conteúdos, orienta projetos, dá apoio, cria iniciativas e abre o *Forum (online)*, de forma a proporcionar

ferramentas de trabalho e materiais a todos os interessados em implementar esta oferta de escola.

A partir do ano letivo de 2015/2016, as escolas poderão escolher se querem ou não a inclusão no seu projeto da disciplina de “Introdução à Cultura e às Línguas Clássicas”, que poderá ser frequentada pelos alunos do ensino básico.

Caberá a cada escola estruturar e concretizar, de acordo com o seu Projeto Educativo, um programa próprio, o qual poderá ter em consideração conteúdos e finalidades já disponíveis no portal da Direção-Geral da Educação (MEC - DGE)

Este novo projeto, para além de promover o contacto desde o primeiro ano de escolaridade com a “aprendizagem de valores fundamentais da língua portuguesa e de outras disciplinas”, (...) “ganhará em estabelecer ligações funcionais com certas disciplinas, de que são exemplo o Português, a História, a Geografia ou as Expressões”.

Os conteúdos apresentados pelo MEC são: “A Cultura e as Línguas Clássicas no Currículo Escolar”, “Oferta da Escola: Introdução à Cultura e Línguas Clássicas no Ensino Básico” e “Propostas de adaptação e de criação de programas para ensinar Cultura e Línguas Clássicas”.

Este projeto do MEC sobre cultura e línguas clássicas insere-se no que foi preconizado anteriormente como um projeto de promoção do sucesso escolar (Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, na redação dada pelo Decreto-Lei n.º 91/2013, de 10 de julho).

De salientar que aquando da apresentação deste projeto sobre a cultura e línguas clássicas, apenas os professores desta área de ensino se mostraram favoráveis à implementação desta iniciativa, uma vez que a Associação dos Diretores das escolas, o representante das associações de pais, o presidente da ANDAEP e o presidente da CONFAP não se mostraram particularmente satisfeitos com esta iniciativa, porque, segundo eles, não há professores suficientes nesta área do saber; há outras áreas prioritárias que não as línguas clássicas; e, por fim, as escolas não têm capacidade de integração, num futuro imediato, de uma componente de cultura clássica no seu projeto educativo.

Por estas declarações, pode entender-se que não há muita vontade em alterar o atual panorama, ou porque os diretores das escolas demonstram falta de vontade em arriscar, ou porque do lado dos encarregados de educação há ainda um profundo desconhecimento do que na verdade é o latim.

Em termos legais, surge também o despacho normativo n.º 7-B/2015, de 7 de maio, no número 4 do artigo 22.º, que diz o seguinte:

renova para o ano letivo 2015-2016 a legislação que possibilita a abertura de turmas das disciplinas de Latim (10.º, 11.º e 12.º anos) e de Grego (12.º ano) no Ensino Secundário, com um número inferior a 20 alunos.

Isto significa que, caso a escola opte pela lecionação de latim (ou até mesmo grego) há de ter sempre em conta que a última palavra em termos de abertura de turma será das instâncias superiores, pois será necessário preencher todas as seguintes condições:

“- (...) estudantes interessados na matrícula nestas opções específicas;

- A escola disponha de recursos humanos próprios habilitados à lecionação das opções específicas em causa, não havendo por isso necessidade de contratações;

- As opções específicas para que se requer funcionamento não sejam oferecidas na área educativa a uma distância razoável que permita aos alunos a sua deslocação;

- Tenham sido esgotadas as hipóteses de articulação e de coordenação com os estabelecimentos de ensino da mesma área pedagógica.”

Em relação a esta mudança inovadora do MEC, não é possível ainda fazer um balanço, pois as informações não têm chegado até ao momento. Aliás, o portal do MEC mantém-se inalterado, como há um ano atrás, estando apenas indisponíveis alguns materiais anteriormente disponibilizados pelo mesmo portal aos professores que pretendiam utilizar este projeto.

Pode ter contribuído para esta situação o facto de em Portugal se ter registado uma mudança de governo em novembro de 2015 e o facto de o atual MEC ter estado mais preocupado com os estabelecimentos de ensino privado e cooperativo e ter tido ainda maiores preocupações com o sistema dos exames ou provas de aferição a realizar pelos

alunos do ensino básico do que propriamente “contrariar a desvalorização destas línguas e culturas, fenómeno a que se tem assistido nos últimos anos com o conseqüente empobrecimento cultural do nosso país”.

De facto, o verão de 2016 acabou por trazer novidades ao mundo das línguas e cultura clássicas.

Assim, para dar resposta à preocupação de grande parte dos professores de línguas e cultura clássicas, foi fundada, em agosto de 2016, uma associação com o objetivo primordial de promoção e ensino do latim e do grego e respetivas culturas, nasceu, pois, a Associação *CLENARDVS – Promoção e Ensino da Cultura e Línguas Clássicas*.

De acordo com Horácio Ramos, o presidente desta associação, a mesma é formada por professores dos vários níveis de ensino (1.º, 2.º e 3.º Ciclo, Ensino Secundário e Ensino Superior) que se dedica à formação de professores e, sobretudo, à implementação do ensino do latim, do grego e da cultura clássica nas escolas públicas e privadas do país (Anexo II).

1.5. Estratégias Colaborativas mais adequadas do Latim no EB em Portugal

O MEC decidiu implementar em Portugal, a partir do ano letivo 2015/2016, o reforço do ensino do latim e da cultura clássica nos ensinos básico e secundário.

O MEC segue, assim, a recomendação feita pela UNESCO, em 2010, a todos os países com línguas de origem latina, para que ensinem o latim nas escolas ao mesmo tempo que oficializa a proposta que teve origem na Comissão Nacional de Educação, em diálogo estrito com as associações de professores e universidades.

Desta forma, os alunos do ensino básico são contemplados com a possibilidade de ter uma disciplina sobre Cultura e Línguas Clássicas como “oferta de escola”, com uma carga horária de um segmento de quarenta e cinco minutos semanais, pois é necessário dar “atenção especial ao desenvolvimento cultural e linguístico dos nossos alunos, com particular destaque para o conhecimento mais profundo da língua materna e das suas raízes” (MEC). E reforça-se ainda que

(...) uma componente de Cultura e Línguas Clássicas no currículo do Ensino Básico reveste-se, pois, de crucial importância na formação das crianças e jovens, quer pelo valor intrínseco do conhecimento que agrega, quer pela função desse conhecimento na aprendizagem de valores fundamentais, da língua portuguesa e de outras disciplinas, sejam elas das áreas de humanidades, científicas, artísticas e de expressões.

Esta iniciativa do MEC parece, pois, vir ao encontro do que já se faz em outros países, como a Alemanha ou a Inglaterra, e responder aos sucessivos alertas dos professores de latim e grego deste país.

De acordo com Ferreira (2006),

A possibilidade de, finalmente, ser exequível ministrar conhecimentos de Latim e Cultura Clássica às crianças antes do seu ingresso no Ensino Secundário é uma decisão clarividente, que peca por tardia e por não ser obrigatória, porquanto seria uma mais-valia que, a médio prazo, beneficiaria crianças e jovens, independentemente das áreas de especialização que viessem a abraçar (p. 128).

Assim, esta estudiosa e grande defensora da implementação do latim desde os primeiros anos de escolaridade considera que para um percurso académico de sucesso é fundamental que a criança contacte diretamente com a língua latina desde a mais tenra

idade (ou seja, desde o 1º ciclo do ensino básico). Para tal, há que ter em conta dois argumentos fundamentais: em primeiro lugar, o facto de uma criança conseguir mais facilmente aprender uma segunda língua nesta fase, bastando, para isso, estimulá-la desde o início do contacto com a língua, com o objetivo primordial de “trabalhar questões de cariz etimológico, com o intuito de fomentar o aprofundamento da cultura geral e das estruturas vocabulares da língua materna”, o que “implica, como é óbvio, uma mudança das metodologias a que o professor de Latim está habituado enquanto docente do Ensino Secundário” (p. 129); em segundo, o facto de aprender mais cedo a língua latina (à semelhança do que se tem vindo a fazer com o Inglês), confere à criança “mais tempo para uma aprendizagem paulatina e gradual até ao ingresso no Ensino Secundário”, caso tenha a possibilidade de usufruir do estudo da língua ao longo de toda a educação básica, evidentemente.

Assim, esta “mudança de paradigma permitiria que todos os alunos beneficiassem precocemente da interdisciplinaridade entre o Latim e o Português (a mais óbvia), mas também entre o Latim e a História ou o Inglês, por exemplo” (Ferreira, 2015, p. 129).

Já em relação aos 2º e 3º ciclos do ensino básico, e mais especificamente no

(...) que respeita ao Português, além do enriquecimento fundamental do domínio linguístico, há ainda que ter em conta que os conhecimentos provenientes do estudo do Latim são facilitadores da compreensão de muitos textos literários.

Os alunos do 9º. ano, aquando do estudo de *Os Lusíadas*, costumam sentir grandes dificuldades, em virtude de o texto se apresentar uma estrutura e “cultismos” estranhos a quem habitualmente sabe interpretar simples textos narrativos, no entanto se já tivessem tido aulas de latim não sentiriam tantas dificuldades, uma vez que

Quem aprende Latim habitua-se às inversões sintáticas e ganha agilidade em ordenar o texto mentalmente, de modo a torná-lo inteligível. As palavras hoje consideradas “cultismos” seriam, na sua maioria, compreendidas sem dificuldade por força do alargamento vocabular que entretanto o estudo do Latim teria ocasionado (Ferreira, 2015, p. 129).

Percebe-se, assim, que a iniciação do latim no 1º ciclo pode permitir perfeitamente uma estreita colaboração não só entre o latim e o português, como

também na interação entre o português e as línguas estrangeiras que o aluno tem no seu *curriculum* do ensino básico.

Analisemos, a partir de agora, propostas de projetos já concretizados e que têm contribuído para uma estreita colaboração entre a língua latina e outras disciplinas, muito em especial o Português:

- Projeto PI (Pequena Infância): este projeto surgiu em 2011, no núcleo da Associação Cultural Thíasos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e trata-se de uma atividade dirigida à pequena infância, ou seja, a crianças sensivelmente entre os 4 e os 10 anos, e consiste em apresentar oficinas de expressão dramática que explorem temáticas e imaginários do mundo clássico greco-romano. Cada oficina tem a duração aproximada de noventa minutos. Desta forma, a expressão dramática cumpre a sua função de incentivo à criatividade artística, promove o autoconhecimento das capacidades motoras, expressivas e criativas, a alfabetização estética e ética, para além da tomada de conhecimento sobre si mesmo e o respeito pelos limites do outro.

- Projeto *Pari Passu* destina-se aos alunos do 2º. ciclo do ensino básico, por se enquadrar perfeitamente nos objetivos do que foi legislado para a oferta complementar de escola, e incide, sobretudo, em conteúdos sobre a introdução ao Latim e à Cultura Clássica.

Sobre este projeto, uma dos autores, a docente Alexandra Azevedo, afirmou que o nome do projeto - *Pari Passu* (“num passo igual”) – tem um duplo objetivo: a igualdade de oportunidades culturais e linguísticas para todos os alunos e a evolução simultânea em português e na aprendizagem clássica. Acrescenta ainda que este projeto funcionou como a única forma de lecionar Latim na sua escola, uma vez que as turmas de Latim foram escasseando. Trata-se, pois, de

(...) um programa que flexível, adaptável às circunstâncias de cada escola, ao seu projeto educativo, ao seu crédito horário específico. A sua mais-valia é lançar uma linha de trabalho que em Portugal, não sendo nova (vários colégios privados têm programas análogos), constitui uma primeira abordagem no ensino público (Damião, 2012).

Este projeto é passível de ser posto em prática noutras escolas, uma vez que “está disponível a quem o queira aproveitar gratuitamente” (Damião, 2012) e prevê-se

um acompanhamento por parte de uma equipa devidamente formada para esse fim às escolas e professores que decidam adoptá-lo. Os responsáveis pelo projeto disponibilizam as temáticas mais apropriadas a esta faixa etária, os textos de suporte ao ensino e trabalhos realizados pelos alunos através do *sítio* do projeto na *internet*.

- Projeto *Officina Romanorum* destina-se aos alunos dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e incide, sobretudo, “no estudo do Latim, do Grego e da Cultura Clássica, bem como na herança clássica nas culturas portuguesa e europeia” (MEC). Trata-se de um projeto-piloto que teve o seu início em 2009 como um programa original de divulgação e de motivação para os estudos clássicos e teve como objetivo primordial ser uma experiência pioneira que facilitasse o contacto dos participantes com as raízes da cultura europeia e ao mesmo tempo permitisse a projeção e a consciencialização da sobrevivência do mundo romano no universo contemporâneo.

Com o surgimento da Associação *CLENARDVS – Promoção e Ensino da Cultura e Línguas Clássicas*, em agosto de 2016, com sede na Escola Básica e Secundária Passos Manuel, em Lisboa, começou a ser possível pôr em prática o projeto preconizado pela associação, em alguns pontos do país, com a exceção da RAM, pois agora os docentes, caso ainda não possuam, podem, desde já, fazer formação nesta área, ou, caso já a tenham, podem levá-las a bom fim nas suas escolas.

Assim, a *CLENARDVS* dá formação sobre os seguintes conteúdos:

- Implementação de metodologias de Ensino das Línguas Clássicas;
- História e Cultura Clássicas;
- Didáctica das Línguas Clássicas;
- Recepção dos Clássicos;
- Latim: 1º. Ciclo; Básico e Secundário; Comunicacional;
- Grego Básico e Secundário;
- Apolo – Mitologia e Literatura Infanto-Juvenil.

Como é visível, os docentes portugueses devidamente habilitados a lecionar a cultura e línguas clássicas têm boas ideias e conseguem concretizá-la, uma vez que já conseguiram construir bons projetos com excelentes estratégias colaborativas entre o latim e o português, preferencialmente, mas também com outras áreas do saber, de tal forma que as estratégias já implementados por estes projetos estão a dar os seus frutos, mas o que continua a faltar verdadeiramente é a vontade dos responsáveis pelas escolas que, para já, têm medo de arriscar em projetos inovadores e muitos até ainda não compreendem muito bem.

2. FUNDAMENTOS E OBJETIVOS

2.1. Pertinência do Estudo

Todo projeto supõe ruptura com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma estabilidade em função de promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de acção possível, comprometendo seus actores e autores. (Veiga, 2001, p.18)

Em 2015, o MEC resolveu, finalmente, dar a relevância necessária, há muito reclamada pelos especialistas, relativamente às Línguas Clássicas, e tornou-a pública em nota enviada às Direções escolares (Dias, 2015):

O Ministério da Educação e Ciência está empenhado em facilitar e promover o ensino do Latim e do Grego e, em geral, das culturas clássicas. Pretende-se contrariar a desvalorização destas línguas e culturas, fenómeno a que se tem assistido nos últimos anos com o consequente empobrecimento cultural do nosso país.

Nos últimos meses têm sido promovidas diversas ações de sensibilização, formação e orientação, entre as quais se destacam algumas conferências realizadas no país, o encorajamento dos professores destas áreas a retoma-las, (...) e a abertura de uma página específica no sítio da DGEstE [Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares] (p. 1).

Desta forma, as escolas passam a poder abrir turmas de Latim e/ou Grego, no ensino secundário, sem atingir o número mínimo de 20 alunos, segundo diretivas emanadas pelo MEC desde que se verifiquem as seguintes situações:

- “- Haja estudantes interessados na matrícula nestas opções específicas;
- A escola disponha de recursos humanos próprios habilitados à lecionação das opções específicas em causa, não havendo por isso necessidade de contratações;
- As opções específicas para que se requer funcionamento não sejam oferecidas na área educativa a uma distância razoável que permita aos alunos a sua deslocação;
- Tenham sido esgotadas as hipóteses de articulação e de coordenação com os estabelecimentos de ensino da mesma área pedagógica.”

No entanto, o MEC não se ficou por aqui, pois também decidiu que os três ciclos do ensino básico passam a ser contemplados com a hipótese de ter a cultura e as línguas clássicas nos seus *curricula*, com o objetivo primordial de melhoria no desempenho da língua portuguesa:

O Ministério da Educação considera que deve ser dada atenção especial ao desenvolvimento cultural e linguístico dos nossos alunos, com particular destaque para o conhecimento mais profundo da língua materna e das suas raízes.

Por isso, o MEC deu luz verde à proposta da CNE, em diálogo estreito com as associações de professores e universidades e assim, a partir do ano letivo 2015/2016, surge, como "Oferta de escola", uma componente de Cultura e Línguas Clássicas nos *curricula* do ensino básico, uma vez que se reveste

de crucial importância na formação das crianças e jovens, quer pelo valor intrínseco do conhecimento que agrega, quer pela função desse conhecimento na aprendizagem de valores fundamentais, da língua portuguesa e de outras disciplinas, sejam elas das áreas de humanidades, científicas, artísticas e de expressões (MEC).

Desta forma, todas as escolas do ensino básico podem implementar esta oferta, assim manifestem o seu desejo, uma vez que o MEC, reconhecendo “a relevância da cultura e das línguas clássicas na formação das crianças e jovens”, permite ainda que esta “oferta de escola” possa ser integrada no próprio PEE, ou seja, cada escola será responsável pelo próprio programa desta componente, caso resolva integrá-la no seu PEE, mas tendo sempre em consideração os conteúdos e finalidades preconizadas pelo MEC.

Depois das mudanças registadas no governo de Portugal, o atual elenco do Ministério da Educação (ME), por meio do despacho do CM nº 23/2016, de 24 de março, deu a conhecer, no dia 17 de junho de 2016, o Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar ao qual as escolas se podem candidatar e, “no âmbito da sua autonomia organizacional e pedagógica”, apresentar “planos de ação estratégica de melhoria das aprendizagens e do sucesso escolar”.

Este novo Programa sublinha a missão da Escola Pública que deve “garantir que todas as crianças e jovens têm acesso às aprendizagens que lhes permitem concluir a

escolaridade com os saberes, as competências, as atitudes e os comportamentos necessários à vida em sociedade”.

Segundo Martins (2016), da APLG, e de acordo com a interpretação da lei,

Parece enquadrar-se muito bem aqui a Introdução à Cultura e às Línguas Clássicas pois, pela abrangência de saberes que engloba, pelos valores que veicula, não só pode contribuir para uma formação mais completa das crianças e jovens das nossas escolas, como, pela interdisciplinaridade que proporciona, pode ser um óptimo auxiliar do sucesso em disciplinas como o Português, a História, as línguas estrangeiras.

Desta forma, e de acordo com a mesma especialista, “Compete aos professores e aos directores das escolas tomarem as iniciativas necessárias.”

2.2. Objetivos do Estudo

Depois de lançado o desafio, é tempo de os professores de cultura e línguas clássicas se pensarem na melhor forma de implementar as línguas clássicas e a sua cultura, que é como quem diz, estão criadas as condições propícias para esta tarefa, falta agora lançar a “cana” (criação de um projeto) para conseguir apanhar o “peixe” (aceitação das escolas) e, posteriormente, ter capacidade e treino para ensinar os alunos a pescar, ou seja, “o auxiliar do sucesso” tão necessário ao “desenvolvimento cultural e linguístico dos nossos alunos, com particular destaque para o conhecimento mais profundo da língua materna e das suas raízes” (MEC).

Antes, de avançar, há que ponderar e questionar:

- Será eficaz uma estratégia deste tipo nas nossas escolas?
- Qual a metodologia mais adequada?

Assim, e tratando-se de um projeto que se quer inovador, será mais inteligente partir das finalidades recomendadas pelo MEC, uma vez que também elas foram inicialmente sugeridas e propostas pelas maiores individualidades e especialistas nesta área no nosso país.

Não se pretendendo, no entanto, ser demasiado ambicioso, uma vez que, à partida, o projeto terá somente a carga semanal de um segmento de quarenta e cinco minutos, ou seja, aproximadamente trinta e dois tempos letivos ao longo do ano, e se destina, em princípio, a alunos do 7.º ano do ensino básico, que não tiveram ainda a hipótese de escolher esta oferta em anos anteriores.

Pretende-se, ainda, ter em consideração os conteúdos programáticos do maior número de disciplinas do *currículum* para este ano escolar, com particular ênfase para o português, línguas estrangeiras, história, e geografia, de forma a melhor rentabilizar a parca carga horária semanal que professor e aluno têm.

Perante isto, as finalidades propostas pelo MEC a privilegiar, de forma a implementar *Introdução à Cultura e Línguas Clássicas* (Anexo I) serão as seguintes:

- Reconhecer a importância da cultura clássica e das línguas latina e grega na formação do pensamento ocidental e, de modo particular, na compreensão da contemporaneidade;

- Envolver-se na expressão (escrita e oral) de conhecimentos relativos à cultura e às línguas clássicas;

Em princípio, as duas outras finalidades serão implementadas nos anos seguintes, da seguinte forma:

- 8.º ano – às finalidades já atingidas no 7.º será acrescentada a que permite “Adquirir conhecimentos relativos à cultura greco-latina e às línguas latina e grega suscetíveis de permitir a interpretação de manifestações civilizacionais (linguísticas, axiológicas, sociais, artísticas, científicas, técnicas...)”;

- 9.º ano – às finalidades já atingidas no 8.º será acrescentada a que permite “Explorar e relacionar conhecimentos relativos às línguas clássicas e à cultura greco-romana de várias naturezas para organizar explicações”.

Pretende-se, pois, que, na conclusão do 3º ciclo, os alunos estejam já capacitados para “Fruir a cultura greco-romana e as línguas clássicas e atribuir valor aos conhecimentos que vão sendo objeto de aprendizagem” (MEC).

3. METODOLOGIA

Metodologia a aplicar para a construção do projeto

Assim, a fim da elaboração de um projeto que se quer inovador, de forma a ser posto em prática numa escola do país, e partindo das diretrizes emanadas pelo anterior MEC (*op. cit.*) em que é “dada atenção especial ao desenvolvimento cultural e linguístico dos nossos alunos, com particular destaque para o conhecimento mais profundo da língua materna e das suas raízes” e agora reforçadas pelo atual ME (2016), aquando do lançamento do Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar, o presente trabalho pretende constituir-se em si num documento de trabalho a ser posto em prática num futuro próximo, de forma a ser testado e avaliado, de forma a obter-se uma melhor perceção da realidade do ensino da cultura e línguas clássicas, em geral, e, neste caso, em especial, do latim.

Traçadas já as finalidades (em 2.2) que se pretendem atingir no final de cada um dos anos letivos, é necessário tratar do documento de trabalho que virá a dar origem ao projeto final.

Partindo dos conteúdos emanados pelo MEC, há que seleccionar em primeiro lugar os mais adequados ao nível de ensino, neste caso, o 7º. ano de escolaridade (que contacta pela primeira vez *in loco* com a língua latina):

Assim, a partir dos tópicos de conteúdos dados, a seleção será feita desta forma:

1. De civilização e cultura: a presença da cultura greco-romana no nosso quotidiano (1.1.); a mitologia greco-romana (1.2.); e deuses e heróis (1.3.);

2. A herança das línguas clássicas: Todos falamos latim (e grego): expressões latinas de uso corrente (2.1.); o latim e o português – etimologias (2.2.); a língua latina, mais precisamente a referência à estrutura sintática e a construção de pequenas frases (2.4).

Com estes objetivos traçados, poder-se-á traçar os domínios, nunca esquecendo que se trata de um projeto que tem obrigatoriamente de ir ao encontro do PEE da escola ou agrupamento de escolas.

Os domínios escolhidos são os seguintes: *educar para o conhecimento*; *educar para os valores*; e *educar para a língua materna* (relação entre latim e português).

Assim, tendo como base as diretrizes emanadas pelo MEC e também o programa oficial de Latim para o 10º. ano do ensino secundário, uma vez que este reflete, até ao momento, o primeiro ano de estudo da língua e, conseqüentemente, o primeiro contacto e iniciação do aluno na aventura pelo latim, será delineado o documento de trabalho que estará na base do projeto a ser posto em prática.

III. PROJETO

Este projeto terá o nome de “*Educare et educere*”, ou seja, “*Educare*”, pois corresponde ao ponto de partida do projeto, uma vez que de início o professor e o aluno estão lado a lado no mesmo processo de ensino/aprendizagem e este irá decorrer ao longo de um determinado tempo, até que, a determinada altura tem um fim, pois o aluno, chegando ao fim deste percurso, estará apto para caminhar sozinho e preparado para expandir o próprio conhecimento/pensamento para além dos domínios académicos, que é precisamente o que significa “*Educere*”.

Este projeto está previsto para os três anos do terceiro ciclo do EB. Assim, a partida acontece no 7º ano de escolaridade, continuará ao longo do 8º ano e irá ter o seu *terminus* na conclusão do 9º ano de escolaridade e o conseqüente fim do 3º ciclo do ensino básico.

Quanto à gestão deste programa de língua e cultura clássicas, recomenda-se que o mesmo seja lecionado por docentes com formação específica e profissional em Estudos Clássicos.

Em relação às atividades, elas terão de estar em conformidade e em plena sintonia com as linhas orientadoras da turma a que se destina este projeto.

Seguem-se os quadros com as planificações por cada um dos anos. Pretende-se, no entanto, que sejam flexíveis, pois devem contemplar as eventuais sugestões vindas dos alunos que, quando atentos, todos os dias ouvem algo a propósito destes conteúdos que gostam de partilhar e convém que o professor de línguas clássicas os saiba elucidar devidamente, deixando para mais tarde algum dos conteúdos programados, pois não se deve deixar um aluno curioso sem a devida curiosidade satisfeita.

Tabela 1: Planificação do Projeto para o 7.º ano de escolaridade

Destinatários	Alunos do 7.º ano do ensino básico
Tempos letivos	Segmento de 45 minutos ao longo do ano letivo.
Objetivos transversais	- Educar para o conhecimento; - Educar para os valores; - Educar para a língua materna (relação entre latim e português).
Objetivos específicos	- Reconhecer a importância da cultura clássica e das línguas latina e grega na formação do pensamento ocidental e, de modo particular, na compreensão da contemporaneidade; - Envolver-se na expressão (escrita e oral) de conhecimentos relativos à cultura e às línguas clássicas.
Conteúdos	1. De civilização e cultura: <ul style="list-style-type: none">• a presença da cultura greco-romana no nosso quotidiano (1.1.);• a mitologia greco-romana (1.2.);• e deuses e heróis (1.3.). 2. A herança das línguas clássicas: Todos falamos latim (e grego): <ul style="list-style-type: none">• expressões latinas de uso corrente (2.1.);• o latim e o português – etimologias (2.2.);• a língua latina, mais precisamente a referência à estrutura sintática e a construção de pequenas frases (2.4).
Disciplinas envolvidas (conteúdos)	- Matemática; - História: civilizações grega e romana; mitologias grega e romana; - Português (gramática).

<p>Metodologia</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Exposição introdutória pelo professor; - Observação de imagens; - Leitura de textos diversos com guião ou questionário; - Pesquisa pelos alunos; - Debate de ideias: confronto entre as civilizações clássicas e a portuguesa; - Esclarecimento de dúvidas.
<p>Atividades a desenvolver</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação de imagens; - Leitura de textos informativos; - Questionários; - Pesquisa de informação diversa; - Jogos didáticos sobre os conteúdos envolvidos; - Visitas de estudo e/ou representações do quotidiano romano.
<p>Materiais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Textos e fichas diversas; - Apresentações em <i>powerpoint</i>; - Materiais recicláveis; - ...
<p>Avaliação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação diagnóstica dos conhecimentos prévios, por meio do diálogo entre professor e alunos; - Avaliação formativa das fichas diversas; - Avaliação final da concretização dos objetivos da visita de estudo ou da representação.

Tabela 2: Planificação do Projeto para o 8.º ano de escolaridade

Destinatários	Alunos do 8.º ano do ensino básico
Tempos letivos	Segmento de 45 minutos ao longo do ano letivo.
Objetivos transversais	- Educar para o conhecimento; - Educar para os valores; - Educar para a língua materna (relação entre latim e português).
Objetivos específicos	- Reconhecer a importância da cultura clássica e das línguas latina e grega na formação do pensamento ocidental e, de modo particular, na compreensão da contemporaneidade; - Envolver-se na expressão (escrita e oral) de conhecimentos relativos à cultura e às línguas clássicas; - Adquirir conhecimentos relativos à cultura greco-latina e às línguas latina e grega suscetíveis de permitir a interpretação de manifestações civilizacionais (linguísticas, axiológicas, sociais, artísticas, científicas, técnicas...).
Conteúdos	1. De civilização e cultura: <ul style="list-style-type: none">• a presença da cultura greco-romana no nosso quotidiano (1.1.);• heróis (1.3.). 2. A herança das línguas clássicas: Todos falamos latim (e grego): <ul style="list-style-type: none">• expressões latinas de uso corrente (2.1.);• o latim e o português – etimologias (2.2.);• a língua latina, mais precisamente a referência à estrutura sintática e a construção de pequenas frases (2.4).
Disciplinas	- Matemática;

envolvidas (conteúdos)	<ul style="list-style-type: none"> - História - Geografia - Português (gramática); ...
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> - Exposição introdutória pelo professor; - Observação de imagens; - Leitura de textos diversos com guião ou questionário; - Pesquisa pelos alunos; - Debate de ideias: confronto entre as civilizações clássicas e a portuguesa; - Esclarecimento de dúvidas.
Atividades a desenvolver	<ul style="list-style-type: none"> - Observação de imagens; - Leitura de textos informativos; - Questionários; - Pesquisa de informação diversa; - Jogos didáticos sobre os conteúdos envolvidos; - Visitas de estudo e/ou representações do quotidiano romano.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> - Textos e fichas diversas; - Apresentações em <i>powerpoint</i>; - Materiais recicláveis; - ...
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação diagnóstica dos conhecimentos prévios, por meio do

	<p>diálogo entre professor e alunos;</p> <p>- Avaliação formativa das fichas diversas;</p> <p>- Avaliação final da concretização dos objetivos da visita de estudo ou da representação.</p>
--	---

Tabela 3: Planificação do Projeto para o 9.º ano de escolaridade

Destinatários	Alunos do 9.º ano do ensino básico
Tempos letivos	Segmento de 45 minutos ao longo do ano letivo.
Objetivos transversais	<p>- Educar para o conhecimento;</p> <p>- Educar para os valores;</p> <p>- Educar para a língua materna (relação entre latim e português).</p>
Objetivos específicos	<p>- Reconhecer a importância da cultura clássica e das línguas latina e grega na formação do pensamento ocidental e, de modo particular, na compreensão da contemporaneidade;</p> <p>- Envolver-se na expressão (escrita e oral) de conhecimentos relativos à cultura e às línguas clássicas;</p> <p>- Adquirir conhecimentos relativos à cultura greco-latina e às línguas latina e grega suscetíveis de permitir a interpretação de manifestações civilizacionais (linguísticas, axiológicas, sociais, artísticas, científicas, técnicas...);</p> <p>- Explorar e relacionar conhecimentos relativos às línguas clássicas e à cultura greco-romana de várias naturezas para organizar explicações.</p>
Conteúdos	<p>1. De civilização e cultura:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a presença da cultura greco-romana no nosso quotidiano (1.1.);

	<ul style="list-style-type: none"> • a mitologia greco-romana (1.2.); • deuses (1.3.). <p>2. A herança das línguas clássicas: Todos falamos latim (e grego):</p> <ul style="list-style-type: none"> • expressões latinas de uso corrente (2.1.); • o latim e o português – etimologias (2.2.); • a língua latina, mais precisamente a referência à estrutura sintática e a construção de pequenas frases (2.4).
<p>Disciplinas envolvidas (conteúdos)</p>	<p>- Matemática</p> <p>- Português:</p> <p style="padding-left: 40px;">Concílio dos deuses, in Lusíadas, de Camões</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">(mitologias grega e romana)</p> <p style="text-align: center;">(gramática)</p> <p style="padding-left: 40px;">Evolução fonética e evolução semântica na evolução do latim ao português</p> <p>...</p>
<p>Metodologia</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Exposição introdutória pelo professor; - Observação de imagens; - Leitura de textos diversos com guião ou questionário; - Pesquisa pelos alunos; - Debate de ideias: confronto entre as civilizações clássicas e a portuguesa; - Esclarecimento de dúvidas.

Atividades a desenvolver	<ul style="list-style-type: none"> - Observação de imagens; - Leitura de textos informativos; - Questionários; - Pesquisa de informação diversa; - Jogos didáticos sobre os conteúdos envolvidos; - Visitas de estudo e/ou representações teatrais.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> - Textos e fichas diversas; - Apresentações em <i>powerpoint</i>; - Materiais recicláveis; - ...
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação diagnóstica dos conhecimentos prévios, por meio do diálogo entre professor e alunos; - Avaliação formativa das fichas diversas; - Avaliação final da concretização dos objetivos da visita de estudo ou da representação.



Conclusão do projeto:

“Fruir a cultura greco-romana e as línguas clássicas e atribuir valor aos conhecimentos que vão sendo objeto de aprendizagem”

(MEC)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a aprendizagem de um projeto como este, pretende-se que os estudantes tenham adquirido mais e melhores conhecimentos que lhe sejam proveitosos para a vida.

Em suma, estudar Latim é importante porque desenvolve e aguça a mente, exigindo do estudante memorização, concentração e reflexão, facilita o aprendizado de todas as línguas neolatinas e torna acessível o manuseio de livros de ciências, filosofia, direito, teologia, escritos em Latim, quando esta era a língua da cultura ocidental; também porque o Latim enriquece o vocabulário, melhora a dicção e pronúncia, levando – nos a escrever e a falar com mais clareza e objetividade, e finalmente, estudar "Latim é importante para disciplinar a mente, e adquirir cultura humanística é conhecer e valorizar nossa língua portuguesa" (Furlan, 2006, p.42).

De facto, o conhecimento do latim é a pedra basilar para a compreensão da língua materna. Ensinar a língua latina é proporcionar aos alunos o conhecimento da cultura, da história, da sociedade e da literatura, ao mesmo tempo que compreende o passado e a razão de termos chegado ao presente e reconhecemo-nos em quem somos e o que queremos para o futuro.

Quem entende a língua latina consegue perceber a sua presença em muitos momentos de conversação, pois percebe como o latim está bem vivo e como é o elo da comunicação entre diversas culturas.

Por fim, espero que, desta forma, este trabalho possa vir a contribuir para que qualquer estudante que faça a opção por este projeto na sua escola possa efetivamente entender melhor a partir de agora o que é o latim e a sua verdadeira identidade e utilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bauer, S. *et al.* (2009). *The Well-Trained Mind. A Guide to Classical Education at Home*. New York, WW Norton & Co.

Damião, H. (2012). *Pari passu*. In *De Rerum Natura*. Disponível em <http://dererummundi.blogspot.pt/2012/07/pari-passu.html> [consultado em 27/06/2016].

Damião, H. (2015). *Um caso de dever público*. In *De Rerum Natura*. Disponível em <http://dererummundi.blogspot.pt/2015/06/um-caso-de-dever-publico.html> [consultado em 27/05/2016].

Dias, P. (2015). *Queremos Latim no Ensino Secundário!*. In *Facebook Queremos Latim no Ensino Secundário!* <https://www.facebook.com/Queremos-Latim-no-Ensino-Secund%C3%A1rio-135228623156858/> [consultado em 27/07/2015].

Ferreira, A. (2006). *O Latim como facilitador de aprendizagens transversais no ensino básico: uma proposta concreta de aproximação nas aulas de português do 1º. Ciclo*. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/82211/2/109609.pdf>. [consultado em 18/06/2016].

Furlan, O. (2006). *Língua e Literatura Latina e sua derivação Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.

Germain, C. (1993). *Evolution de l'enseignement des langues: 500 ans d'histoire*. Paris: Clé International (Col. Didactique des langues étrangères).

Martins, I et al. (2001). Programa de Latim A. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento do Ensino Secundário. Disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_Linguas_e_Humanidades/latim_a_10.pdf [acedido em 17 de junho de 2016].

Martins, I. (2011). *Da importância do estudo latim*. Disponível em <http://delingualatina.blogs.sapo.pt/5539.html> [consultado em 21/06/2016].

Martins, I. (2016). *Atenção! In Facebook Associação de Professores de latim e grego*. Disponível em <https://pt-pt.facebook.com/APLG.pt/> [consultado em 15/07/2016].

Ministério da Educação - Direção Geral de Educação: Disponível em <http://www.dge.mec.pt/introducao-cultura-e-linguas-classicas> [acedido a 27/05/2016].

Ministério da Educação e Ciência. Curso Científico-humanísticos de Ensino Secundário (Oferta formativa) (s. d.). Consultado em 30 de outubro de 2015, disponível em <http://www.dge.mec.pt/cursos-cientifico-humanisticos>.

Ministério da Educação e Ciência. Introdução à Cultura e Línguas Clássicas (s. d.). Consultado em 22 de outubro de 2015, disponível em <http://www.dge.mec.pt/introducao-cultura-elinguas-classicas>.

Ministério da Educação e Ciência - Metas Curriculares de Latim A do Ensino Secundário 10.º e 11.º anos. Disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Metas/documentos/es_metas_curriculares_latim_a_10_11.pdf. [consultado em 22/06/2016].

Módolo, M. et al. (2013). *O fundamental da língua clássica*. In Revista Língua. Disponível em <http://revistalingua.com.br/textos/116/sumario.asp>. [consultado em 15/07/2016].

Orberg, H. (2003a). *Lingua Latina per se Illustrata – Pars I: Familia Romana*. Newburyport, MA: Focus Publishing.

Orberg, H. et al. (2007). *Lingua Latina per se Illustrata – latine doceo (guía para el profesorado)*. Granada: Cultura Clásica.

Pereira, S. (2014). *Portugal e o latim*. In Público. Disponível em <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/portugal-e-o-latim-1631742>. [consultado em 21/06/2016].

Polastri, B. et al. (2008). *Novas abordagens para o ensino de Latim*. Disponível em http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem04/COLE_1434.pdf [consultado a 17/06/2016].

Quednau, L. (2011). *Ensino de latim: Discussão e propostas*. In cadernos do IL (p. 320-338). Porto Alegre.

Quevedo, C. (2015). *Latim e grego*. In *Jornal I*. Disponível em <http://ionline.sapo.pt/396462?source=social>. [acedido em 17/06/2016].

Rodrigues, M. et Moraes, S. (2010). *A importância do Latim*. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-latim/47831> [consultado em 02/06/2016].

Santo, C. (2015). *Latim: a remar contra a maré*. Público, p. 12.

Veiga, P. (2001). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. Campinas: Papirus.

Viaro, M. (1999), *A importância do latim na atualidade*. In *Revista de ciências humanas e sociais*, São Paulo, Unisa, v. 1, n. 1, p. 7-12.

Villas Boas, B. (2002). O projeto pedagógico e a avaliação. In Bases Pedagógicas do Trabalho Escolar II, Mod. III. Eixo Integrador: Educação e Trabalho. Brasília: UnB,

Legislação

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos, da avaliação dos conhecimentos a adquirir e das capacidades a desenvolver pelos alunos e do processo de desenvolvimento do currículo dos ensinos básico e secundário. O referido diploma aplica -se às diversas ofertas curriculares dos ensinos básico e secundário ministradas em estabelecimentos de ensino público, particular e cooperativo.

Despacho n.º 5106-A/2012, de 12 de Abril; Recomendação n.º 4502, de 17 de Julho de 2012; Despacho n.º 5048-B/2013. Define um conjunto de normas relacionadas com as matrículas, distribuição dos alunos por escolas e agrupamentos, regime de funcionamento das escolas e constituição de turmas.

Despacho nº 23/2016, de 24 de março, sob resolução do Conselho de Ministros, que criou o Programa nacional de promoção do Sucesso Escolar.

ANEXOS

ANEXO I

Introdução à Cultura e Línguas Clássicas

INTRODUÇÃO À CULTURA E LÍNGUAS CLÁSSICAS



Enquadramento | Projetos | Apoio | Iniciativas | Forum

O Ministério da Educação e Ciência considera que deve ser dada atenção especial ao desenvolvimento cultural e linguístico dos nossos alunos, com particular destaque para o conhecimento mais profundo da língua materna e das suas raízes.

A integração, como "Oferta de escola", de uma componente de *Cultura e Línguas Clássicas* no currículo do Ensino Básico reveste-se, pois, de crucial importância na formação das crianças e jovens, quer pelo **valor intrínseco do conhecimento** que agrega, quer pela função desse conhecimento na **aprendizagem de valores** fundamentais, da **língua portuguesa** e de **outras disciplinas**, sejam elas das áreas de humanidades, científicas, artísticas e de expressões.

Enquadramento

Uma introdução à cultura clássica e às línguas latina e grega encontra relevância no Ensino Básico não só pelo “valor em si” da herança civilizacional que veicula mas, também, pelo “valor instrumental” que se lhe reconhece na aprendizagem das línguas (materna e estrangeiras), da literatura, da história, da filosofia, das ciências... Faculta igualmente um substrato cultural que permite compreender o mundo, os acontecimentos, os sentimentos, contribuindo para a formação cívica, para a *humanitas*.

Ao abrigo do **Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho**, na redação dada pelo **Decreto-Lei n.º 91/2013, de 10 de julho**, os Agrupamentos de Escolas/Escolas não agrupadas podem oferecer no Ensino Básico “componentes curriculares complementares”:

- No 1.º Ciclo - uma hora semanal para “atividades a desenvolver em articulação, integrando ações que promovam, de forma transversal, a educação para a cidadania e componentes de trabalho com as tecnologias de informação e comunicação”;

- Nos 2.º e 3.º Ciclos - um conjunto de horas de crédito para atividades que “contribuam para a promoção integral dos alunos em áreas de cidadania, artísticas, culturais, científicas ou outras” que, nessa medida, serão de frequência obrigatória.

Reconhecendo-se a relevância da cultura e das línguas clássicas na formação das crianças e jovens, poderão os Agrupamentos de Escolas/Escolas não agrupadas ter em consideração tal componente, integrando-a nos Projetos Educativos como “Oferta de escola”.

Para concretizar essa componente – designada por **Introdução à Cultura e Línguas Clássicas** – cada Agrupamento de Escolas/Escola não agrupada estruturará e desenvolverá, de acordo com o seu Projeto Educativo, um **programa próprio**, o qual poderá ter em consideração conteúdos e finalidades que, a seguir, se enunciam.

Conteúdos

Desejavelmente, um programa integrará temáticas que se organizem em dois tópicos gerais:

1. De civilização e cultura

1.1. A presença da cultura greco-romana no nosso quotidiano

1.2. A Mitologia greco-romana

1.3. Deuses e heróis

2. A herança das línguas clássicas: Todos falamos latim e grego

2.1. Expressões latinas de uso corrente

2.2. O latim / o grego e o português — etimologias

2.3. A presença da língua grega:

- Em nomes próprios

- Em vocábulos do quotidiano
- Em termos científicos

2.4. A língua latina e a língua grega

- Referência à estrutura sintática
- Construção de pequenas frases
- O alfabeto grego

Finalidades

São finalidades da *Introdução à Cultura e Línguas Clássicas*:

- Adquirir conhecimentos relativos à cultura greco-latina e às línguas latina e grega suscetíveis de permitir a interpretação de manifestações civilizacionais (linguísticas, axiológicas, sociais, artísticas, científicas, técnicas...);
- Explorar e relacionar conhecimentos relativos às línguas clássicas e à cultura greco-romana de várias naturezas para organizar explicações;
- Reconhecer a importância da cultura clássica e das línguas latina e grega na formação do pensamento ocidental e, de modo particular, na compreensão da contemporaneidade;
- Envolver-se na expressão (escrita, oral, corporal, musical...) de conhecimentos relativos à cultura e às línguas clássicas;

A concretização destas finalidades deve convergir para que os alunos possam:

- Fruir a cultura greco-romana e as línguas clássicas e atribuir valor aos conhecimentos que vão sendo objeto de aprendizagem.

Podendo o programa, a concretizar em cada Agrupamento de Escolas/Escola não agrupada, ser dirigido a um ou a vários ciclos de escolaridade (1.º, 2.º e/ou 3.º Ciclos), é desejável que:

- Seja adequado a esse ciclo ou ciclos;

- Estabeleça ligações funcionais com disciplinas curriculares, de que são exemplo o Português, a História, a Geografia ou as Expressões;
- Se estruture numa lógica de progressão na aprendizagem.

Para apoiar o mencionado trabalho, os professores encontram nesta página projetos realizados em Portugal, informações e materiais de apoio, bem como propostas de formação.

Disponível em <http://www.dge.mec.pt/introducao-cultura-e-linguas-classicas>

[Consultado em 27/05/2016].

ANEXO II

Correio Eletrónico enviado pela Associação CLENARDVS, por meio de comunicação efetuada anteriormente pela plataforma moodle, na disciplina de “Introdução à Cultura e Línguas Clássicas”

Direcção da Associação Clenardus direccao@clenardus.com

15/05

Caríssima Margarida:

Lemos com imensa alegria o seu *email* e regozijamo-nos por saber que na Madeira temos uma colega tão apaixonada pela cultura e línguas clássicas.

De tal forma nos identificamos com as suas preocupações que, em Agosto do ano passado, fundámos uma associação dedicada à promoção e ao ensino do latim e do grego: Associação *CLENARDVS* - Promoção e Ensino da Cultura e Línguas Clássicas (<http://www.clenardus.com/>).

Somos um grupo de professores dos vários níveis de ensino (1.º, 2.º e 3.º Ciclo, Ensino Secundário e Ensino Superior) que se dedica à formação de professores e, sobretudo, à implementação do ensino do latim, do grego e da cultura clássica nas escolas públicas e privadas do país.

Efectivamente, temos estabelecido a ponte com professores e outros profissionais entusiasmados, como a Margarida, e procuramos dar-lhes total apoio (através de idas às escolas, de formação, de divulgação de materiais, etc.). Por exemplo, actualmente, temos vindo a colaborar com vários colegas dos Açores e, com o seu auxílio, visamos promover em alguma das ilhas um congresso ou uma jornada no âmbito da didáctica das línguas clássicas. Por outro lado, no passado mês de Abril, dinamizámos a I Jornada Ulissiponense de Latim no Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa. Neste mês de Maio, estaremos em Braga a dinamizar, no âmbito da Braga Romana, o Colóquio "*Bracara Augusta et Lingua Latina: em torno da pedagogia da língua latina*"...

Com efeito, também estamos protocolizados com diversos museus, instituições e associações internacionais afins (como é o caso de "Cultura Clásica", em Espanha, e

"Europa Latina", em Itália), facto que possibilita, conjuntamente, o dinamização e revitalização do mundo clássico.

A chave para esta dinâmica é sermos uma associação constituída maioritariamente por professores que estão no terreno e que, diariamente, propugnam pelos valores clássicos. Procuramos associados e colaboradores com o perfil da Margarida, pois o entusiasmo é a chama que incendeia e contagia os alunos, os colegas e as estruturas directivas e intermédias das escolas.

Se a Margarida pretender, teremos todo o gosto em viajar até à Madeira e conversar pessoalmente consigo, pois existe um mar de ideias interessantes - muitas delas já convertidas em prática - para partilhar. Seria formidável que a cultura e as línguas clássicas entrassem nas escolas madeirenses !! Conte connosco.

Como pedia alguma fundamentação teórica acerca da importância do ensino da cultura e línguas clássicas, tomo a liberdade de lhe remeter o manifesto da nossa associação e o programa do próximo colóquio em Braga, para ter uma ideia dos temas abordados.

Temos uma equipa que trabalha com diversas metodologias, adaptadas a cada ciclo de ensino, que terá todo o gosto em fornecer-lhe os materiais e entrar em contacto consigo.

Esperando poder auxiliar a Margarida em tudo o que precise para a sua tese e para a implementação da cultura e línguas clássicas na nossa querida Madeira, despeço-me, esperando conhecê-la brevemente. Seria excelente termos uma filial na Madeira e termos todo o gosto em apoiá-la na sua implementação e desenvolvimento.

Com elevada estima e consideração,

O Presidente da CLENARDVS

Horácio Ramos